

COLÔMBIA João França Pinheiro, 20, que poderá pegar mais de dez anos de prisão, diz que sofreu recrutamento forçado

Brasileiro é preso por integrar as Farc

ENTENDA O CONFLITO NA COLÔMBIA

Origem
Desde os anos 60, movimentos guerrilheiros marxistas dominam a zona rural do país. Nos anos 80, eles passaram a se financiar com o dinheiro de "impostos" cobrados dos traficantes

Reação
Como reação ao crescimento do poderio guerrilheiro, militares e fazendeiros criam milícias chamadas de paramilitares. Hoje, os "paras" também são financiados pelo tráfico

Tentativa de paz
Em 1998, o presidente Andrés Pastrana inicia negociações de paz com o principal grupo guerrilheiro, as Farc. Cede aos rebeldes uma área de 42 mil km², mas os conflitos continuam

Plano Colômbia
Pressionado pelos EUA, o governo colombiano cria o Plano Colômbia, um pacote militar bilionário para combater os traficantes. O primeiro alvo são as plantações de coca em área dominada pelas Farc



Soldados colombianos durante operação em Barrancomina, cidade onde Pinheiro foi preso

RODRIGO PENA MAJELLA
DA REDAÇÃO

No fim de março, após combate com guerrilheiros da Frente 16 das Farc, uma unidade do Exército da Colômbia capturou no meio da selva do país um brasileiro que cerca de um ano antes, desempregado, deixara a casa da mãe para tentar a sorte num garimpo colombiano de ouro. Segundo os militares, a prisão mostrava que as Farc recrutavam estrangeiros.

O nome do rapaz, atualmente preso em Bogotá, é João França Pinheiro, 20. Natural de São Gabriel da Cachoeira (AM), completou apenas a quarta série primária e nunca conseguiu um emprego muito melhor do que cortar madeira e ajudar em construções. Com o pouco dinheiro, ajudava sua mãe —funcionária pública, viúva há 12 anos— a manter a casa e cuidar dos irmãos —cinco, ao todo. As ainda obscuras circunstâncias que o levaram até os guerrilheiros é que determinarão se o rapaz voltará para casa ou ficará preso na Colômbia por mais de uma dezena de anos.

Desde que foi detido pela Fudra (Força de Deslocamento Rápido), numa ação da operação Gato Negro na cidade colombiana de Barrancomina, Pinheiro tem afirmado que foi vítima de sequestro das Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, a maior guerrilha do país). Ele diz que discutiu com o dono do garimpo, que não queria pagá-lo, e esse homem, um colombiano supostamente ligado às Farc, teria atraído o rapaz para uma emboscada a fim de que os guerrilheiros o recrutassem.

Segundo sua versão, Pinheiro foi capturado pelos militares quando enfim havia conseguido fugir da guerrilha, um ano depois de "serviço obrigatório".

As Farc negam a acusação de Pinheiro. Embora sua história de recrutamento forçado não pareça um caso raro na Colômbia, ela também é rechaçada pelo promotor responsável por seu caso e pela Polícia Federal brasileira.

Segundo o Exército da Colômbia, que na ocasião da prisão chegou a falar em vários brasileiros na guerrilha, o recrutamento teria sido realizado por um guerrilheiro conhecido como Negro Acacio, líder da Frente 16 e suposto aliado do traficante brasileiro Fernando Beira-Mar, preso em abril numa região próxima.

Rebelião e narcotráfico

Pinheiro, detido por ordem de prisão preventiva, é acusado de dois crimes graves: rebelião —por supostamente pertencer às Farc— e associação para delinquir com fins de narcotráfico —a área em que foi preso é conhecida pelo tráfico de drogas, e as Farc são acusadas pelas autoridades colombianas de participação direta na produção e na comercialização de cocaína.

Segundo a legislação colombiana, cometem crime de rebelião "os que, pelo emprego das armas, pretendam derrocar o governo nacional ou suprimir ou modificar o regime constitucional ou legal vigente". A pena é de prisão de cinco a nove anos e multa de cem a 200 salários mínimos. Embora a guerrilha esteja em negociações oficiais com o governo, os integrantes das Farc capturados são processados por rebelião.

A punição para o segundo crime pode ser ainda maior: "Quando várias pessoas se associam com o fim de cometer delitos, cada uma será punida com prisão de três a seis anos. Quando a associação é para cometer delitos de terrorismo, narcotráfico, sequestro extorsivo ou extorsão, ou para formar esquadrões da morte, grupos de justiça privada ou bandas de sicários, a pena será de prisão de dez a 15 anos e multa de 2.000 até 50 mil salários mínimos".

De acordo com o promotor Jorge Muñoz, responsável pelo caso de Pinheiro, a situação do rapaz é bastante delicada. O amazonense teria sido preso pelo Exército em combate e estaria com um fuzil

"Meu filho é inocente", diz mãe do rapaz

DAREDAÇÃO

Afra França Pinheiro, 47, funcionária pública da Prefeitura de São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas, viu seu filho João França Pinheiro pela última vez em maio de 2000, quando ele deixou sua casa para procurar emprego do outro lado da fronteira entre Brasil e Colômbia.

O único contato que ainda mantém é um telefonema semanal de até cinco minutos. Essa situação poderá durar pelo menos mais seis meses, o tempo estimado para o processo de investigação sobre o rapaz.

"Não vai dar para aguentar seis meses. Se tiver de esperar seis meses, vai morrer. Está doente, com gastrite e problemas na vista", diz a viúva, de quem Pinheiro é o segundo de seis filhos (três homens e três mulheres). "Os guerrilheiros o pegaram e o amarraram. Ele tinha de escolher entre a vida na guerrilha ou a morte. É injusto. Meu filho é inocente."

Por telefone, no começo de abril, Pinheiro contou à mãe sua versão sobre como foi parar na guerrilha colombiana. O rapaz lhe relatou que trabalhava como mergulhador numa balsa de garimpo de um colombiano que não lhe pagou. "O patrão disse que queria uma reunião com os brasileiros. Como os outros sabiam [que era uma armadilha], foram embora. Ele ficou para receber o dinheiro."

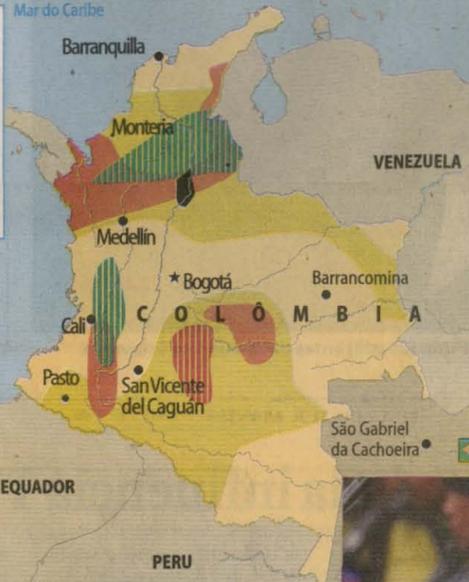
Pinheiro estava no garimpo havia um mês quando supostamente foi sequestrado pelos rebeldes. Não contou à mãe, porém, quais eram suas tarefas na guerrilha. "Disse que ficava às ordens dos guerrilheiros, mas não falou o que fazia."

Segundo o que disse à mãe, Pinheiro fugiu um ano após o suposto sequestro. "Foi quando o Exército o prendeu", conta Afra. Ela diz que "já sabia que a guerrilha é uma coisa ruim".

Afra afirma que não pode pagar um advogado particular na Colômbia, o que lhe custaria cerca de US\$ 1.700. Para conseguir a libertação do filho, diz que pretende inclusive escrever para o presidente Fernando Henrique Cardoso. (RPM)

Áreas de controle

- Farc
- Paramilitares
- ELN
- FARC (zona desmilitarizada)
- ELN (área reivindicada para desmilitarização)



RAIO-X

- Nome: República da Colômbia
- Área: 1.147.140 km²
- População: 42,8 milhões de habitantes
- Capital: Santa Fé de Bogotá
- Forma de governo: república presidencialista
- Próximas eleições presidenciais: 2002
- PIB (Produto Interno Bruto): US\$ 87,9 bilhões
- Crescimento anual do PIB: 3,1%
- Desemprego: 20%
- Renda per capita: US\$ 1.951
- Inflação anual: 9%
- Posição no IDH: 68ª*



Soldados das Farc marcham em San Vicente del Caguán, principal cidade da guerrilha

Principais grupos armados

- Farc**
Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
Lideradas por Manuel "Tijofio" Marulanda, dizem contar com 15 mil homens. Marxistas, opõem-se ao Plano Colômbia e exigem o combate aos paramilitares e reformas sócio-econômicas
- ELN**
Exército de Libertação Nacional
Formada por cerca de 5.000 homens, a guerrilha guevarista exige a desmilitarização de uma zona no norte do país para a realização das reuniões de paz
- AUC**
Autodefesas Unidas da Colômbia
O grupo paramilitar de extrema direita foi criado para combater as guerrilhas de esquerda. Afirma ter 8.000 homens e admite envolvimento no narcotráfico

*O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU mede o desenvolvimento do país com base na expectativa de vida, no nível educacional e na renda "per capita". O Canadá lidera a lista, e o Brasil está na 74ª posição

Guerrilha nega que faça recrutamento forçado

DA REDAÇÃO

Quando João França Pinheiro foi preso, junto com um venezuelano, a imprensa colombiana e as agências internacionais deram com destaque. "Farc recrutam guerrilheiros venezuelanos e brasileiros", dizia o diário "El Espectador", com texto da "Associated Press". A agência "France Presse" tinha o mesmo tom: "A guerrilha Farc está recrutando brasileiros e venezuelanos".

A "France Presse" citava o comandante da 4ª Divisão do Exército colombiano, general Arcecio Barrero. Segundo o militar, Pinheiro teria dito que as Farc haviam recrutado vários brasileiros e venezuelanos. A "Associated Press" trazia declarações do comandante do Exército da Colômbia, general Jorge Enrique Mora: "São pessoas recrutadas na fronteira e que terminam fazendo parte dessas organizações".

A notícia decerto agradou a uma parte do Exército colombia-

no, ansiosa por envolvimento dos vizinhos num conflito no qual militares, paramilitares e guerrilheiros já mataram mais de 35 mil pessoas só nos últimos dez anos.

De acordo com o promotor do caso de Pinheiro, porém, o rapaz nada disse sobre recrutamento de outros brasileiros e não há casos semelhantes. A assessoria de imprensa do Exército colombiano informou, por sua vez, que "não há registros de uma atividade de recrutamento de brasileiros por parte das Farc". "Foi o único pronunciamento que [o comandante Mora] fez sobre esse assunto, na ocasião da captura dessa pessoa. Não há mais dados sobre isso", disse à Folha Enrique Hernández, porta-voz do Exército.

A guerrilha afirma que histórias como a de Pinheiro fazem parte de uma campanha internacional para acelerar o Plano Colômbia e dar ensejo a uma intervenção militar no país. "Não há uma política para recrutamento de estrangeiros", afirmou à Folha Mauricio

Valverde, integrante da comissão internacional das Farc.

Valverde explica que as diretrizes da guerrilha são determinadas em conferências periódicas. Foi assim que se definiram as chamadas "normas de ingresso".

Em tese, para entrar nas Farc é preciso que o candidato (homem ou mulher maior de 15 anos) o faça voluntariamente, sem imposição de condições e com aceitação de todas as regras ideológicas e disciplinares da organização —segundo as Farc, não há, por exemplo, o compromisso de um salário, pois os fundos obtidos são divididos entre todos. "Não saímos por aí capturando pessoas. Respeitamos as fronteiras, inclusive para que os países vizinhos não intervenham na Colômbia", disse Valverde.

A Polícia Federal afirma ter apurado, junto a ex-colegas de Pinheiro no garimpo, que o rapaz entrou na guerrilha porque quis. O delegado Mauro Spósito, que coordena operações da PF na

fronteira, nunca tinha ouvido falar de recrutamento forçado de brasileiros pelas Farc. Para ele, a guerrilha tem respeitado o território e os brasileiros.

Pinheiro teria aderido à guerrilha após uma briga com o dono da balsa de garimpo de ouro por causa de falta de pagamento. "Foi seduzido. Estava bravo com o patrão e decidiu entrar para as Farc", disse Spósito. "Prometem mundos e fundos. Salários de US\$ 200 a US\$ 250, assistência médica. Se dão, não sei dizer."

A Anistia Internacional não conhece casos como o de Pinheiro, mas em seu último relatório anual diz que garotos de 13 anos continuam a ser recrutados pelas Farc.

Para Edgar Téllez, chefe de redação da revista "Cambio", dirigida pelo escritor Gabriel García Márquez, há denúncias de que os guerrilheiros obrigam pessoas a segui-los, e a versão de Pinheiro pode ser verdadeira. "O recrutamento forçado não é uma fantasia", disse Téllez à Folha. (RPM)

AK-47. "Ele me disse que trabalhava a região, que era obrigado. Mas não dá para acreditar que se dê um fuzil a uma pessoa coagida, não é?", disse Muñoz à Folha.

Uma possível atenuante, porém, é que, segundo o promotor, o Exército não encontrou cultivos ilegais nem drogas na área onde Pinheiro estava. Quanto às ligações com Negro Acacio ou Beira-Mar, o rapaz nada declarou.

Um dos problemas para a sua defesa é a escassez de dados sobre as pessoas que estiveram com ele.

Sua advogada, a defensora pública Jasmín González, está buscando mais tempo para obter depoimentos e esclarecer pontos obscuros. Um deles é que Pinheiro lhe disse que sua função na guerrilha era trabalhar numa lavoura, o que leva à suposição de que tivesse alguma liberdade —inclusive para ter tentado uma fuga mais cedo. "Perguntei se era muito difícil", afirmou González.

A Folha tentou fazer uma entrevista com Pinheiro por meio de perguntas enviadas por fax, mas o rapaz não quis responder.